

Independência da América Espanhola

Temos 2 grupos coloniais importantíssimos: os criollos e os chapetones. Ambos esses grupos compõem a elite colonial. Portanto, nem o primeiro, nem o segundo são populares, ou despoderados (impotentes).

Vamos começar pelos criollos. Eles são os espanhóis nascidos na América, nas colônias. Lembrando que quem nascia aqui na América espanhola era espanhol porque não existiam ainda as nações que a gente conhece hoje: por exemplo, no território que hoje é o Uruguai, quem nascia lá na época não era uruguaio pois essa denominação ainda nem existia. Era tudo da coroa espanhola, portanto devemos nos referir a essa elite como espanhóis nascidos em territórios americanos.

Outra característica dessa elite criolla é que eles costumam já estar na América por várias gerações. As famílias que aqui vieram, ficaram e não foram embora. Normalmente e, dessa forma, as elites criollas são as famílias mais antigas.

Como são uma elite local e de muito tempo, são grupos que já tem um bom poder econômico. É importante diferenciar a situação daquela época a atual, na qual, na contemporaneidade, o poder econômico está muito atrelado ao poder político. Contudo, a coisa já foi diferente.

É necessário conceituar que o poder econômico se refere ao poder aquisitivo, de compra. Já o poder político se refere ao poder de decisão.

Uma coisa muito importante para compreender a situação é que a metrópole, no caso a coroa espanhola, sempre teve o receio de acabar feudalizando a América. Veja bem, se ela saísse dando poder político sobre uma faixa de terra a qualquer membro da elite criolla que já tivesse certo poder econômico, ela estaria fazendo algo análogo ao feudalismo. haveria portanto uma feudalização da América, coisa que não era desejada. Outro fator era que aquelas terras eram de difícil fiscalização. Era então difícil confiar nos criollos para terem poder político, uma vez que a fiscalização e a manutenção da segurança de seus interesses era algo complicado.

Era como se os criollos não estivessem tanto sob o controle da coroa e, por isso, a coroa tinha sempre o receio de lhes dar o poder político.

Nesse contexto, foi criado o outro grupo: os chapetones. Essa galera não tinha o poder econômico, mas eles eram escolhidos pela coroa para terem poder político e exercê-lo na América. Os chapetones eram bem mais fáceis de serem fiscalizados pela coroa do que os criollos. Isso se dava porque os criollos nascidos na América raramente iriam à Europa. Via de regra, eles passavam a vida toda na colônia e não tinham contato direto com a coroa na Espanha. Por isso, eram pouco confiáveis na

visão da coroa. Por isso, era melhor dar poder de decisão aos chapetones, que eram nascidos na Europa.

O negócio é que, agora, Napoleão vai assumir o poder. Esse cara vai invadir a Espanha e botar um parente seu para governar. Podemos observar então que a Espanha vai ser meio submissa à França.

Naquele tempo, a Inglaterra, que já era braba em seu poder naval por conta dos desenvolvimentos provenientes dos atos de Navegação, tinha uma rixa bolada com a França.

Pensando no ponto de vista inglês, e na situação descrita como um todo, se eles tinham uma briguinha com a França, uma das formas de atacá-la seria atacando sua então aliada, a Espanha. Desse modo, a Inglaterra ataca a Espanha que, por causa disso, perde comunicação com as colônias da América, o que, por sua vez, vai acabar afetando a vida dos criollos e dos Chapetones.

Repetindo algumas coisas:

A invasão napoleônica na Espanha causou a deposição do antigo rei Espanhol e em seu lugar, foi posto José Bonaparte. Isso criou um vácuo no controle político. Precisamos entender que a Espanha era governada pela França, logo se houver algum exercício de poder, esse será diretamente ou indiretamente vindo de Napoleão. Então, as colônias na América tem um vácuo de poder. Isso culminou com a eclosão de processos de independência aqui na América.

Na América espanhola, havia os cabildos que eram espaços onde se organizava a administração da colônia. É, portanto, um espaço de poder político. Acontece que antes das invasões napoleônicas, quem tomavam ali as decisões eram os chapetones.

Vale lembrar que naquele momento a elite crioula não exercia poder político. O que acontece é que com a invasão de Napoleão, os chapetones perderam seus poderes políticos que vinham da coroa. Aí, os membros da elite crioula não queriam aceitar o poder que agora viria de Napoleão e José Bonaparte, já que, na prática, os chapetones eram inexistentes nesse momento.

Logo, os criollos só teriam uma opção: assumir o poder, já que não queriam aceitar o poder de Napoleão e os chapetones não tinham mais poder político que, antigamente, era proveniente da Espanha.

Percebe-se então que os criollos ganharam um poder político de tomada de decisão que eles até agora não tinham, inédito.

Isso era do ponto de vista político. Houve também uma mudança do ponto de vista econômico. Até então, as colônias sofriam o cumprimento das leis que asseguravam o exclusivo colonial. O cumprimento dessas leis depende da fiscalização e imposição da metrópole. O que aconteceu foi que a Espanha(metrópole) não tinha como continuar impondo essas medidas devido a toda situação que estava se passando. Isso deu autonomia comercial para a colônia. A Espanha chegou a ver suas colônias fazendo comércio com suas inimigas e, mesmo assim, não tinha como fazer nada a respeito. Isso deu uma coisa ótima para a elite crioula: a liberdade. A vida dos criollos melhorou para cacete. Isso, é claro, falando da elite. E eles tiraram proveito dessa melhora. Até que, em certo ponto, Napoleão foi derrotado. Então, saiu José Bonaparte e voltou Fernando(antigo rei). A elite crioula que estava se aproveitando dos benefícios, liberdade, garantida pela falta de fiscalização da metrópole não vai gostar muito da volta do antigo monarca. Eles(criollos) estavam vivendo uma vida boa do jeito que estava acontecendo antes e, obviamente, não queriam abrir mão disso.

O Fernando ia fazer um processo de recolonização, tentativa de voltar com as leis rígidas, fiscalização da colônia. Isso para os criollos significava uma perda da sua liberdade econômica. Esses caras iam perder os benefícios que eles tinham ganho. E é óbvio que eles não queriam isso. A partir daí, começa o processo de independência. Esse medo dos criollos causou a mudança do pensamento acerca da visão de Fernando (antes os criollos eram até nacionalistas, mas agora eles não querem sua volta pois querem manter seus benefícios) e passaram a ter uma visão independentista.

Liberal - Conservador

O processo liberal-conservador é como a gente normalmente conceitua os processos de independência na América espanhola. Eles são todos, de uma maneira geral, liberal - conservadores. Porém, como podemos dizer isso?

Esses processos de independência são liberais no ramo da política, ou seja, propõe uma reivindicação de liberdade da metrópole. Essa galera quer ser livre da metrópole, no sentido de separatismo mesmo, emancipação política. Mas, porque eles querem isso mesmo?

Eles, na verdade, apenas querem ser independentes para conseguir preservar a estrutura socioeconômica que lhes beneficiava. É, portanto, uma independência que quer manter os benefícios proporcionados pela estrutura socioeconômica que vigia durante o período napoleônico, caracterizada por uma maior liberdade de comércio devido a impossibilidade de fiscalização rígida da coroa espanhola sobre as colônias.

A ideia é conservar os benefícios que foram usufruídos pela elite criolla ao longo do período de ocupação francesa na Espanha.

Então, do ponto de vista socioeconômico, ela é claramente conservadora, na medida em que não quer propor nenhuma mudança significativa na estrutura socioeconômica.

Precisamos entender que essas nações que vão surgir posteriormente, surgem pela vontade da elite, é um projeto da elite e não dos indígenas, por exemplo, historicamente explorados.

Devemos então nos perguntar: "Não existem projetos alternativos de independência a esses propostos pela elite?"

Sim, existem outros que, porém, foram derrotados por causa da oposição da elite. Dessa forma, houve tentativas de independência que não seguissem esse modelo de conservação socioeconômica, entretanto, falharam. (Peru e México, por exemplo)

Lembrando que o motivo da maior liberdade da elite criolla no comércio foi devido a invasão napoleônica na Espanha, que ficou impossibilitada de manter fiscalização sobre o exclusivo colonial das colônias da América.

Fato curioso: Napoleão até teve certo interesse pelas colônias na América, porém ele estava sempre ocupado pessoalmente e, principalmente, nas guerras que lhe marcaram.

Vamos ver agora duas tentativas de independência lideradas por camadas populares que não seguiram o modelo liberal conservador.

Com destaque agora ao Peru - Revolta de Tupac Amaru.

No momento em que os espanhóis chegaram na América, eles encontraram o Império Inca (cabe ressaltar que esse nome era, na verdade, apenas a maneira como os espanhóis se referiam a esses povos). O "rei", mais propriamente dito, o inca que governava quando os europeus chegaram era o Tupac Amaru ("original").

Esse inca (Tupac Amaru "original") foi derrotado pelos espanhóis. O cara que a gente vai estudar, o Tupac Amaru II, nasceu muito, mas muito depois, e alegava que era descendente direto do Tupac Amaru original.

Esse maluco aí, o Tupac Amaru II, é um revolucionário indígena que tentou liderar um processo de emancipação da coroa espanhola.

É preciso perceber a diferença no objetivo dessa revolta com relação às liberal-conservadoras. Diferentemente dos criollos, ele queria provocar mudanças sociais significativas.

Ele também argumenta que, na medida que expulsassem os espanhóis, se recuperaria o império inca que eles antes conheciam, ele seria restaurado.

Uma noção importante também é a de que os espanhóis se aproveitavam muito das estruturas construídas por esses povos. Os europeus raramente iriam construir algo do zero. Basta lembrar do exemplo que o Pedro deu em sala. Os espanhóis se aproveitaram até da estrutura dos templos dos incas. As paredes eram feitas a partir das já existentes. É como se os espanhóis construíssem sua Igreja em cima do templo dos incas. Vestígios atualmente encontrados já comprovam que a arquitetura indígena era mais resistente a fenômenos naturais do que a europeia.

Nesse contexto, muitas das vezes os espanhóis iriam usar os templos indígenas para construir suas igrejas por cima. É como se fosse mais fácil argumentar que os indígenas deveriam ainda cultivar naquele mesmo local, mudando apenas o Deus, incorporando o local.

Dessa forma, era comum que os povos indígenas adaptassem suas culturas de modo que elas continuassem existindo dado o contexto da época. Era necessário adaptações.

Voltando ao Tupac Amaru II. Esse cara aí queria mudanças sociais. Sua principal intenção é acabar com o trabalho compulsório (lembre-se da mita e da encomienda). A revolta desse cara fracassou por causa da oposição da elite criolla, devido a diferença de seus interesses.

Revolta de Hidalgo e Morelos

Foi uma revolta que ocorreu no México, em 1810. Hidalgo começou a revolta e Morelos a continuou. Para entendê-la de fato, é preciso entender um pouco do contexto no qual ela se deu. Assim como o Brasil, o México era um país muito católico e tinha, obviamente, grande número de indígenas. Essa revolta foi uma revolta que se deu no interior do México, que era fortemente marcado pela grande presença desses indígenas.

Nesse caso, então, vamos tentar imaginar a figura do padre Hidalgo (ele era padre mesmo) vivendo no interior do México. Ora, se o interior do México era muito marcado pelos indígenas, é claro que Hidalgo teve um contato e forte ligação com esses povos. Dessa maneira, mesmo a revolta tendo sido liderada por Hidalgo, um padre, ela contou com uma forte participação indígena que teve contato com essas ideias.

Lá no México, o principal objetivo dessa revolta era tentar manter o que eles chamavam de ejidos.

Vale lembrar também que, diferentemente do caso das elites criollas, essa galera indígena não se contenta apenas com a independência, emancipação, mas também quer mudanças socioeconômicas.

Os ejidos eram mais ou menos o que a gente já aprendeu como sendo uma terra comum lá na parte de antecedentes da Revolução Industrial na Inglaterra. Era aquele negócio da terra onde pessoas, na maioria dos casos, famílias a usufruíam para subsistência própria, porém não tinham aquela propriedade atrelada ao seu nome. Legalmente a terra não era delas, as pessoas apenas a usufruíam. Depois, entra toda aquela coisa de leis de cercamento dos campos que, conseqüentemente, retirou esses caras de lá levando a um êxodo rural, propiciando umas das características da revolução industrial, mas isso aqui não vem ser necessário para entender essa revolta.

Enfim, imaginem famílias usando esses ejidos para colher, plantar e usufruir dessa terra juntas. Logicamente, tanto os camponeses pobres quanto os indígenas eram favorecidos com a presença desses ejidos. Por isso, eles queriam a manutenção e permanência dessas terras comuns.

Existem uma série de pontos em comum entre essa revolta e a de Tupac Amaru, como, por exemplo, o fato de que em ambas a elite crioula se opôs à revolta. Há também nas duas rebeliões uma grande brutalidade por parte da coroa espanhola.